



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

António Rei¹

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela: Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336).

Em torno às suas origens e descendência

A Byzantine Lady in the courts of Aragon, Portugal and Leon and Castille:
Dona Vataça Lascaris (a. 1270-1336). Around her origins and descent”

Resumo:

Dona Vataça Lascaris, filha de uma princesa grega e de um conde italiano, veio, ainda na infância, para a Península Ibérica com a sua mãe e seus irmãos. Vataça veio para Portugal com a Princesa Isabel de Aragão, a qual veio para casar com o rei Dinis de Portugal, e tornar-se rainha de Portugal. A forte relação estabelecida por Vataça com Portugal, não se explicam apenas na versão oficial, de que nada lhe restaria aqui senão a grande amizade à sua parente Rainha Santa Isabel. Por certo terá havido algo mais e suficientemente importante. Porque, já quatro séculos depois do seu falecimento, ocorrido em 1336, em pleno século XVIII, continuamos a encontrar o seu nome, e nomes relacionados com a sua linhagem, usados por mulheres da sua descendência feminina.

Palavras-chave:

Vataça; Lascaris; descendência.

Abstract:

Dona Vataça Lascaris, daughter of a greek princess and an italian count, came even in the childhood, to the Iberic peninsula with her mother and brothers. Vataça came to Portugal with the princess Isabel of Aragon, who came to marry the king Dinis of Portugal and become queen of Portugal. The strong relationship developed by Vataça with Portugal, can't be explained only in the official version, that nothing remains to Vataça in Portugal except the great friendship to her relative, the Queen Saint Isabel of Aragon. Certainly existed something more and enough strong and important. Even four centuries after her death, in 1336, in the middle XVIIIth century, we still find her name, and names related to the lineage, used by women of her feminine descent.

Keywords:

Vataça; Lascaris; descent.

¹ Doutor em História da Cultura e das Mentalidades Medievais. (Investigador no IEM / FCSH-UNL – Bolseiro da FCT [Lisboa]).

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

1. Introdução

Dona Vataça ou, segundo a grafia antiga portuguesa, Dona Bataça Lascaris, foi, sem dúvida, uma personagem com um percurso ímpar e singular na História de Portugal. Ímpar e singular porque parece ter surgido sem quaisquer antecedentes prévios e, da mesma forma, teria levado toda a sua existência e teria deixado este mundo, sem que dela tivesse subsistido mais do que uma algo nebulosa memória, semelhante a aspetos também algo nebulosos da sua existência.

Se esteve sempre nas primeiras linhas das grandes cortes ibéricas, como pessoa digna das maiores confianças dos respetivos monarcas, e a quem nunca defraudou, nem em Portugal nem em Leão e Castela, e como tal foi recompensada; é, no entanto, no aspeto estritamente pessoal que escasseiam mais informações sobre a mulher por detrás da grande senhora.

1. 1. Estudos sobre Dona Vataça – ponto de situação

Dona Vataça é praticamente uma perfeita desconhecida, da grande maioria dos portugueses, e uma quase ausente da historiografia portuguesa. talvez também porque, paralelamente, não tem despertado muito interesse nos medievalistas portugueses, os quais não lhe têm dedicado muito do seu labor de investigação. O seu percurso, com aspetos de estrela cadente, e de aparente desarticulação com o todo social da época tem feito com que tenha sido geralmente entendida como tratando-se de alguém com pouco ou nenhum protagonismo histórico, e, em Portugal, concretamente, sem nenhum passado, os seus ascendentes não era daqui; e sem nenhum futuro, não tendo deixado descendência.

Curiosamente, para além da documentação que dela subsistiu, um dos que primeiro terão dado informação sobre Dona Vataça, foi o humanista André de Resende, nas suas *Antiguidades da Lusitânia*, quando tratou “Santiago do Cacém” (Resende, 2009: 190-192 e 286-287).

Mas depois, em Portugal, terão corrido mais de quatro séculos de silêncio sobre aquela Senhora. Talvez o facto de Alexandre Herculano não ter chegado ao reinado de D. Dinis tenha obstado a que o nome de D. Vataça tivesse sido mais salmodiado, pois em muitos aspetos as Histórias de Portugal

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

que apareceram depois repetem em linhas gerais, mais ou menos amplificadas, aquilo que Herculano deixara.

Assim, antes das Histórias do final do século XX, em concreto a *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso e principalmente a *Nova História de Portugal*, dirigida por A. H. de Oliveira Marques e por Joel Serrão, não apareceram quaisquer referências a D. Vataça. O facto de um dos volumes da *Nova História de Portugal*, o III volume, ter sido coordenado por uma das investigadoras que “resgataram” aquela dama, Maria Helena da Cruz Coelho, fez com que tivesse havido mais algumas citações e incorporação de mais estudos na respetiva bibliografia.

Talvez também pelo facto de se tratar de uma figura feminina, esta Senhora acabou atraindo, há alguns anos atrás, a atenção de duas medievalistas de Coimbra, nomeadamente Maria Helena da Cruz Coelho, atrás referida, e Leontina Ventura, que lhe dedicaram dois sólidos e longos estudos (Coelho e Ventura, 1986: 159-193 e 1987: 33-77).

O túmulo de D. Vataça, que se encontra na Sé Velha de Coimbra, veio, por sua vez, a suscitar também uma outra abordagem, esta de cariz heráldico, e da qual tiveram origem dois estudos, da autoria de Francisco de Simas Alves de Azevedo (Azevedo, 1963: 178-180 e 1992: 101-109).

Muito mais recentemente, em 2009, houve uma coincidente emergência de interesse por esta figura feminina, desde diferentes óticas.

Assim, da autoria de Maria da Conceição Vilhena, foi apresentada e depois publicada uma comunicação intitulada “Vataça, a Comendadeira de Santiago do Cacém” (Vilhena, 2009: 214-219); e nesse mesmo ano, Natália Maria Lopes Nunes, do IELT da FCSH-UNL, apresentou uma outra comunicação intitulada “Dona Vataça e o culto das relíquias em Portugal”², e da qual ainda não consegui entretanto confirmar se houve publicação ou não.

Houve ainda nesse mesmo ano de 2009 a publicação de um extenso artigo, cujo autor, Manuel Cadafaz de Matos, discorreu sobre “Cultura e língua grega em Portugal e outras regiões da península entre os séculos XV e XVIII (seis momentos para a compreensão e estudo da sua dinâmica)”, e onde não pôde deixar de falar, ainda que algo pontualmente, em D. Vataça Lascaris,

² Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional “Mobilidade e Literatura na Idade Média”*, Universidade Aberta, Lisboa, 26-28 Outubro, 2009.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

privilegiando o seu papel no âmbito de negociações diplomáticas que naquele período tiveram lugar entre os diferentes reinos ibéricos (Matos, 2009: 243-300).

Em Espanha Dona Vataça tem surgido também referida, e ainda que de forma relativamente acessória, associada à sua mãe e irmã, em alguns estudos, hoje já mais que centenários, da autoria de Joaquín Miret y Sans (Miret y Sans, 1903: 455-470; 1906: 668-720 e 1908: 111-134).

Muito mais próximo de nós, em 1975, Michael Maclagan publicou um estudo incidindo novamente sobre Dona Vataça, "A Byzantine Princess in Portugal" (Maclagan, 1975: 284-293) e possivelmente tenha sido um antecedente direto dos estudos levados a cabo pelas investigadoras da academia coimbrã.

A bibliografia relativa, especificamente, a Dona Vataça, não é, realmente, muito extensa, nem sequer aquela que trata a diáspora das princesas bizantinas ou talvez mais exatamente, ítalo-bizantinas, fora do Império, primeiro na Itália e depois na Península Ibérica.

Não pretendendo nós elencar aqui no texto a totalidade dos títulos a ela, ou elas, relativos, apresentamos na Bibliografia infra os mais significativos.

1. 2. A imagem de Dona Vataça – passado e presente

Com uma origem que remete para paragens fora da Península, e bem mais longínquas do que a contígua França, tal facto contribuiu, certamente, para criar à volta de Dona Vataça uma aura onde se fundem, e confundem, um certo mistério e um exotismo já com um certo sabor oriental³.

E tendo vindo esta dama para a Península Ibérica, com sua mãe e irmã, mais por força de uma conjuntura pressionante dos acontecimentos, do que por uma opção livremente assumida, Dona Vataça ou Bataça, parece, estranhamente, e como já foi dito atrás, ter apenas cruzado, meteórica e quase tangencialmente, pela história portuguesa, sem um passado e sem um futuro; e

³ Ainda hoje, quer queiramos quer não, a Grécia, se é entendida como um espaço-matriz da civilização europeia e ocidental, é na realidade, do ponto de vista cultural, um espaço de transição entre a Europa e a Ásia.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

que ficou, finalmente, a repousar na Sé Velha de Coimbra, por entre as sombras das naves e de um geral e quase completo desconhecimento, mais do que de esquecimento.

É desse longo sono que pretendemos ajudar a reerguê-la, ou, ao menos, a levantar um pouco o véu sobre a sua existência e a sua herança em terras de Portugal; a qual, hoje, sem dúvida, existirá também já para além dos limites do nosso país.

2. Origem e percurso

Dona Vataça foi uma senhora com origem linhagística, por sua mãe, a Princesa Eudoxia Lascaris, na casa imperial dos Lascaris Vatatzes Komnenos, imperadores de Bizâncio-Niceia⁴; e descendia por seu pai, Conde Guilherme Pedro, dos Condes de Ventimiglia, do norte da Itália (Coelho e Ventura, 1987, 159-193, quadro 3; Miret ySans, 1906: 668-720; Bravo García, 1986: 63-92; Azevedo, 1992: 101-109).

Imagem 1



Legenda : *Armas dos Lascaris – Vatatzes – Komnenos*

⁴ Os Lascaris Vatatzes Komnenos foram a dinastia de resistência grega ao chamado Império Latino do Oriente, e durou cerca de meio século (1204-1261). Sucederam-se no trono: Teodoro I Lascaris Komneno (1204-1222), João III Dukas Vatatzes (1222-1254), Teodoro II Dukas Lascaris (1254-1258) e João IV Lascaris Vatatzes (1258-1261). Este último foi deposto por Miguel Paleólogo, o primeiro da Dinastia dos Paleólogos, mas casado com uma princesa Lascaris.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Vataça terá nascido cerca de 1270. Após a morte de seu pai, o Conde Guilherme Pedro, Dona Vataça veio, com sua mãe e sua irmã, para Aragão (Bravo García, 1986: 91)⁵, de cuja Casa Real ainda eram aparentadas (Coelho e Ventura, 1987: 168)⁶. Sua irmã Beatriz, conhecida como Lascara, em virtude do casamento que fez em Aragão, com o Conde de Pallars, Arnau Roger, foi também conhecida como Condessa de Pallars. Esse casamento deu origem ao ramo aragonês dos Lascaris ou Lascorz (Bravo García, 1986: 92-95)⁷.

O irmão, João Lascaris-Ventimiglia, o varão primogénito, ficou em Itália, pois sucedeu a seu pai no Condado de Ventimiglia (Bravo García, 1986: 95)⁸.

⁵ Sobre quem teria vindo com Eudoxia para Aragão há várias versões, que nos falam de desde duas filhas, até cinco filhos, três rapazes e duas raparigas, que se chamariam, respectivamente, João, Jacob, Otão, Beatriz e Vataza.

⁶ A Rainha Santa Isabel de Aragão era prima em 7º grau de Dona Vataça.

⁷ Bravo García procurou esclarecer a confusão relativa a Eudoxia (mãe) e a Beatriz (filha), ambas referidas com “Lascara” na documentação aragonesa, sobre qual delas foi Condessa de Pallars, e respectiva descendência e alianças matrimoniais.

⁸ De João Lascaris-Ventimiglia descendem os demais Condes daquela Casa, que cruzaram as suas armas originais com as dos Lascaris e passaram a chamar-se Lascaris-Ventimiglia.. Entre a sua descendência contam-se também os Grimaldi, Príncipes do Mónaco (v. “Lascaris de Vintimille Royal Gateway” in *Catherine Baillon Royal Connection Research Association web page* (by René Jetté, John P. DuLong, Roland-Yves Gagné, and Gail F. Moreau); e ainda H.Soszynski@uq.net.au > *Subject: Re: Laskaris-Ventimiglia (Vintimille) Date: 29 Apr 1998 16:51:37-0700*

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 2



Legenda : *Armas dos Lascaris – Ventimiglia*

Dona Vataça veio para Portugal em 1282, no séquito da princesa Isabel de Aragão, que casara com o Rei D. Dinis e se tornara, dessa forma, Rainha de Portugal.

D. Vataça casou em Portugal, em 1285, com Martim Anes de Soverosa, um membro da família dos Soverosa, bastante mais velho do que ela, e de quem enviuvou, em 1295, ao fim de cerca de dez anos de casamento, e sem que se conheça descendência daquele matrimónio (Coelho e Ventura, 1986: 165 e 168)⁹.

Em 1302, D. Vataça foi para Castela, onde viveu vários anos, pois acompanhou a infanta D. Constança de Portugal, filha de D. Dinis e de D. Isabel, que nesse ano se casou com o rei Fernando IV de Leão e Castela (Sousa, 2007: I, 175).

Do rei Fernando IV recebeu D. Vataça, em diferentes momentos do reinado, algumas doações em recompensa dos seus serviços, quer junto da rainha D. Constança, quer junto dos filhos de ambos (Coelho e Ventura, 1986: 171).

Anos mais tarde, em 1317, já depois do falecimento de D. Constança, ocorrido em 1313, D. Vataça acabou regressando a Portugal, para o período final da sua existência (Coelho e Ventura, 1986: 177). Durante estas quase duas décadas, entre 1317 e 1336, em Portugal, ela foi Senhora de Santiago do Cacém, mercê de um escambo que efectuou com a Ordem de Santiago.

⁹ Martim Anes de Soverosa seria impotente, ou ao menos estéril, sendo designado pelo termo “peco”, que então identificaria aquela condição.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

A memória desta senhora perdura ainda hoje na região do Alentejo litoral, entre outras formas, no perdurar de alguns pequenos topónimos, e principalmente através da existência de relíquias de santos que, tradicionalmente, são atribuídas as doações da mesma Dona Vataça a algumas Igrejas da região, nomeadamente às povoações de Santiago do Cacém, Sines, Panoias e Castro Verde¹⁰.

No final da sua vida fez testamento, e terminou os seus dias em Coimbra, na mesma Cidade onde ficou sepultada a sua amiga e parente, Rainha Santa Isabel de Aragão, mas enquanto a rainha ficou sepultada em Santa Clara, a sua dama-de-honor D. Vataça Lascaris teve o seu lugar de repouso na Sé Velha, numa sepultura ornada com a representação heráldica dos Lascaris, a águia bicéfala¹¹.

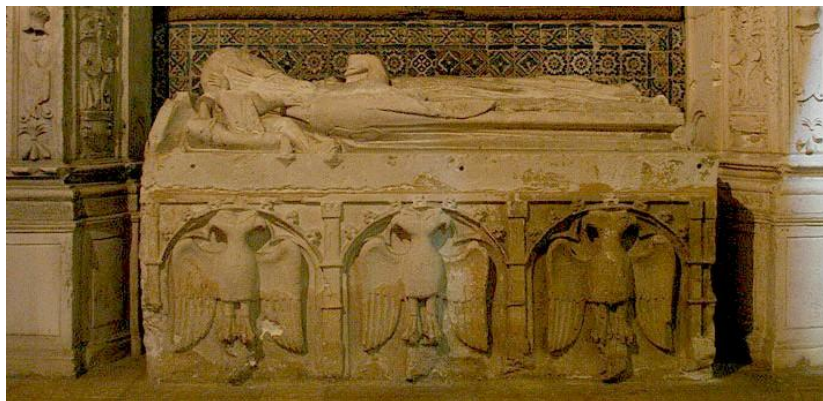
¹⁰ Hoje em dia basta colocar a palavra “Vataça” num motor de busca da Internet e o nome desta dama vai aparecer relacionado com Santiago do Cacém, Sines, Panoias e Castro Verde, localidades alentejanas onde perdura a tradição de que algumas das relíquias que existem em igrejas dessas localidades foram doações da D. Vataça. Aguarda-se com justificada expectativa o trabalho de Natália Maria Lopes Nunes, “Dona Vataça e o culto das relíquias em Portugal”. Curiosamente, é nesta mesma região que existiu o “Morgadio de S. Romão e Torredões” do qual era Senhora por volta de 1425-30 uma D. Betaça, descendente da “nossa” D. Vataça, e que era casada com Gonçalo da Fonseca Coutinho, ambos antepassados diretos daquele Diogo Vasques da Fonseca, a quem foi dada, em 1514, a Carta de Armas abaixo referida (v. infra n. 12).

¹¹ A águia bicéfala passou a ser, a partir dos Lascaris, a representação simbólica do poder imperial, por excelência. Foi, mais tarde, após a queda de Bizâncio, herdada pelos Príncipes de Moscovo, que tomaram o título de *Czar* (*César*); e também o Sacro Império Romano-Germânico passou a usar a mesma representação aquilina. É curioso notar ainda que alguns reinos balcânicos também têm esta representação heráldica, o que poderá indiciar ligações matrimoniais com os Lascaris ou com seus descendentes; ou com os Paleólogos, os sucessores dos Lascaris em Bizâncio, dos quais o primeiro imperador, Miguel Paleólogo, se casou também com uma princesa Lascaris. A águia bicéfala passou a integrar as armas dos Ventimiglia após o casamento de Guilherme Pedro de Ventimiglia com a princesa Eudoxia Lascaris, pais de Dona Vataça. Destes passou a alguma nobreza do norte da Itália, designadamente os Sabóia-Piemonte. Recordemos que as armas dos Proença foram dadas pelo Príncipe do Piemonte, Carlos II de Savoia-Lascaris, a Belchior de Proença (Zúquete, 2000: 452), e que as mesmas poderão ser uma variante das próprias armas dos Sabóia de então (ou de armas a que tivessem direito apesar de não as usarem) apresentando um partido: I - armas diferenciadas dos Lascaris; II - as armas de França. Sobre a representação de águias bifrontes em outras armas portuguesas (Azevedo, 1992: 101-109).

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 3



Legenda : *Túmulo de Dona Vataça Lascaris na Sé Velha de Coimbra*

E isto, é, muito resumidamente, a trajetória de vida desta Senhora, subsistindo, no entanto, muitas perguntas em volta desta figura, sabendo-se, também de antemão, que algumas jamais irão ter resposta.

Por exemplo, se ela também teve senhorios em Castela, em cujo reino poderia, portanto, ter ficado a residir até ao fim dos seus dias, porque voltou para Portugal? Mais, porque quis trocar, com a Ordem de Santiago, tudo o que tinha em Castela, de forma a poder voltar para Portugal?

Ficando em Castela, estaria hoje sepultada numa qualquer nave de uma conhecida ou quase desconhecida igreja ou catedral de Espanha, e não na Sé Velha, em Coimbra.

Porque escambou D. Vataça logo no ano de 1311 o senhorio, de juro e herdade, de Villalar, recebido no ano anterior, por Santiago do Cacém, sabendo que apenas teria o senhorio deste último em sua vida (Coelho e Ventura, 1986: 171-172)? Trocou algo que seria para sempre seu e de seus herdeiros, fossem eles quem fossem, por algo que apenas seria seu em sua vida, apenas para voltar ao ocidente peninsular.

Voltou apenas e só pela grande amizade que a unia à sua parente, a rainha Isabel de Aragão?

É uma possibilidade, ainda que, cremos, algo remota. E talvez também pelo facto de não ter constituído família em Castela, que, a ter existido, certamente lá a poderia ter retido e fixado.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Mas também porque é que uma dama com cerca de 32 anos quando foi para Castela, e lá permaneceu até à idade de cerca de 47 anos, não voltou a casar enquanto lá esteve?

Queremos avançar aqui uma outra possível razão, quanto a nós, mais forte do que a amizade que D. Vataça teria à Rainha de Portugal.

D. Vataça voltou porque teria cá algo, ou mais precisamente, alguém, que justificava todo aquele desapego relativamente a Castela e aos senhorios que lá deteve: a existência de um filho, ou, talvez mais exatamente, de uma filha, que também se terá chamado, presumivelmente, Vataça (ou Bataça ou Betaça). E dizemos ‘presumivelmente’ porque a presença daquele nome, maioritariamente na última forma, Betaça, acabará por perdurar na documentação portuguesa, dando-nos sinais da descendência daquela dama, curiosamente sempre através da descendência feminina.

Dona Vataça terá, então, tido uma filha, que também terá sido chamada Vataça e que terá nascido por volta de 1300, durante o período de cerca de sete anos que mediaram entre a viuvez, em 1295, e a sua ida para Castela em 1302. Não há qualquer referência acerca de quem poderia ser o pai¹². Temos, no entanto, algumas suspeitas que procuraremos vir a confirmar em momento futuro.

A aguda consciência do meio social em que se movia, fez com que Dona Vataça tivesse tido imensa cautela em proteger aquela filha.

Uma sociedade que se estruturava em valores masculinos, reconhecia que qualquer senhor, mesmo o eclesiástico, legitimasse a sua descendência. Aos senhores laicos os filhos havidos fora do matrimónio, tivessem nascido antes, durante ou após, a situação conjugal; ou, no caso dos clérigos, após o Concílio de Latrão de 1204, e em especial aos grandes senhores eclesiásticos

¹² Talvez este silêncio relativamente à paternidade da sua filha tenha sido claramente assumido, até também pelo facto de a própria Dona Vataça sempre se ter identificado, preferencialmente, com a sua herança materna. Apenas no seu último Testamento refere o nome e o título de seu pai, embora nesse mesmo documento exalte a nobreza de sua mãe por cima da de seu pai (Coelho e Ventura, 1986: 160). Algo deste espírito, que privilegia a linhagem feminina, se terá mantido; quer, eventualmente, na transmissão do Morgadio de S. Romão e Torredões (v. supra n. 9), a qual poderia fazer-se por linha feminina; ou, no mínimo no perdurar da memória da Senhora e da sua linhagem na onomástica das mulheres suas descendentes.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

(bispos e arcebispos, abades e mestres das ordens militares), em qualquer momento da sua existência, depois de terem tomado ordens maiores.

Mas no caso de ser uma mulher, que tivesse uma filha fora do matrimónio, e de um homem de um grau social considerado inferior? Era o seu próprio descrédito e a vergonha que lançaria sobre a mesma descendência, inexoravelmente.

Umhas gerações mais adiante, quando a descendência se ligou, pelo casamento, a outras famílias da nobreza portuguesa (que, por coincidência, era então uma nova nobreza, após 1385, encabeçada por um novo monarca, também ele filho ilegítimo), a situação alterou-se completamente, podendo já manifestar-se à luz do dia a evocação da memória de Dona Vataça, na onomástica da sua descendência feminina.

3. Onomástica e descendência

Fixemo-nos primeiramente do nome, único que nos identifica esta dama. Vataça será o aportuguesamento de Vatatza, nome de família, atendendo ao facto de seu bisavô ser o Imperador João III Dukas Vatatzes, e de a partir de então ter a dinastia passado a ser os Lascaris – Vatatzes - Komnenos.

A singularidade da onomástica Vataça, é constatável na documentação, especialmente nas variantes Bataça ou Betaça, e que se encontram na documentação, designadamente quer na *Chancelaria Régia*¹³, quer nos *Registos Paroquiais*¹⁴, quer ainda também em alguns dos mais importantes *Nobiliários*¹⁵.

¹³ PT/TT/CHR/K/11/42-283 – “A Diogo Vasques da Fonseca, cavaleiro da Ordem de Santiago, fidalgo, da linhagem dos FONSECAS é concedida carta de armas, com os respectivos privilégios, liberdades, honras, graças e mercês”. *Data*: 11 – 07 - 1514. Excerto deste documento foi publicado por Anselmo Braamcamp Freire, em *Armario Portuguesa*, Cota d’Armas Editores e Livreros, Lisboa, 1989, quando trata Cartas de Armas de FONSECAS, in pp. 201-202. O fidalgo em causa é descendente de D. Vataça, de acordo ao teor da Carta.

¹⁴ V. “Fontes” infra.

¹⁵ Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, *Nobiliário das Famílias de Portugal [Século XIX]*, XII vols., Braga, 1989; Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana [Século XVII]*, , Porto, Livraria Fernandes Machado, 6 tomos - 12 vols., 1943-1948.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Aquelas formas continuam a ser encontradas em senhoras, descendentes de Dona Vataça, e que ostentam e transmitem na sua descendência feminina a memória daquela ilustre antepassada. Curiosamente, e como é uma forma de atavismo genealógico feminino, o nome - ou nomes como veremos adiante -, mantém-se apesar das alterações de nomes de família, provenientes das alterações de varonia.

Este é o nome mais antigo surgido e que encontramos já, e, coincidentemente, nas descendências das famílias que apresentam aquelas ligações genealógicas ainda na Idade Média, e que parecem remeter para uma linha feminina.

Isto porque é entre as mulheres da descendência que se constata aquele nome, geralmente sob a forma Betaça, mas encontramos nas mesmas linhagens nomes também femininos, como Teodora e ainda o mais incomum nome de Nicomédia.

É uma premissa básica, que não se comemora o que não tem significado, nem se evoca quem se pretende esquecer.

Assim, a persistência desta onomástica, Bataça / Betaça, que directamente se liga à memória pessoal desta dama, constata-se desde o século XIV ao século XVII, pelo menos; e foi complementada, a partir do século XVI com mais os outros dois nomes, que claramente apontam para uma origem mais erudita (eventual fruto do Renascimento e do seu interesse pela recuperação do passado greco-latino), e que são, Teodora e Nicomédia, os quais continuam a fazer a evocação da memória da Senhora de Santiago do Cacém, embora, nestes casos, de forma indirecta.

O primeiro nome, Teodora, promove a associação da sua memória com a dos seus antepassados que tinham chegado ao trono de Bizâncio, e que foram os primeiros monarcas em toda a História de Bizâncio a usar o nome de Teodoro. O segundo nome, Nicomédia, evoca o espaço, a região, que fora o berço da sua própria linhagem, a família imperial dos Lascaris, e onde se situava a sua própria capital, a cidade de Niceia.

A mesma linhagem de que D. Vataça deixou, para a eternidade, a memória heráldica, ao fazer representar as águias bicéfalas dos Lascaris gravadas nas pedras que conciliaram os seus restos mortais, e que, ainda hoje, permanecem como um signo para todos os que dela descendem.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Conclusão

Terminando, e apesar de se tratarem ainda de resultados preliminares que pretendemos vir a analisar mais detidamente em momento futuro, queremos apenas deixar aqui que todos aqueles que tenham, eles mesmos ou antepassados seus, apelidos como Leite, Chaves, Fonseca, Coutinho, Leitão, Barros e Teixeira¹⁶, estes pelo menos, poderão ser eventuais descendentes desta D. Vataça, neta de Imperadores de Bizâncio, amiga e parente da Rainha Santa Isabel de Aragão, e Senhora de Santiago do Cacém e Panóias, e em cuja descendência feminina, vamos encontrar nos Registos Paroquiais de Setúbal, por exemplo, senhoras com o nome de Betaça, já bem entrado o século XVII; e, em outras regiões do país, nas Beiras raianas, vamos ainda encontrar algumas senhoras com o nome de Nicomédia já em pleno século XVIII.

Fontes

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, (antt.dgarq.gov.pt/), Chancelaria de D. Manuel, PT/TT/CHR/K/11/42-283 – “A Diogo Vasques da Fonseca, cavaleiro da Ordem de Santiago, fidalgo, da linhagem dos FONSECAS é concedida carta de armas, com os respectivos privilégios, liberdades, honras, graças e mercês”. *Data*: 11-07-1514.

Arquivo Distrital de Setúbal (adstb.dgarq.gov.pt/) Registos Paroquiais de Setúbal (1590-1620).

Arquivo Distrital de Castelo-Branco, (adctb.dgarq.gov.pt/) Registos Paroquiais de Castelo-Branco (1695-1720).

¹⁶ Na documentação referida nas notas anteriores surgem vários casos de Betaças, Teodoras e Nicomédias, constatadas em famílias daqueles apelidos, com maior predominância entre os FONSECAS Coutinhos e os Leitões. Também há famílias daquelas em que se constata aquela ascendência, sem que se encontrem aquelas persistências onomásticas. Haverá, seguramente, mais gente com esta ascendência, pois as ligações matrimoniais, com outras famílias, foram uma realidade ao longo de mais de seis séculos e meio. Por mero exemplo e simples hipótese matemática, de que uma pessoa com descendência contínua desde 1350, com dois filhos com geração, e que duplica de geração (4) em geração (8, etc.), dará que nesta data estará sobre os 2 milhões de descendentes; ou seja, em teoria, poderá ser um português em cada cinco, e que até ao final do século XXI poderá atingir perto dos 16 milhões de pessoas.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Bibliografia

Azevedo, F. de S. A. de. (1963). D. Vataça e as suas águias bicéfalas, *Armas e Troféus* IV, nº 2. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 178-180.

Azevedo, F. de S. A. de. (1992). A Águia bicéfala bizantina em Portugal. *Revista da Universidade de Coimbra* XXXVII, 101-109.

Cassotti, M. (2007). *Infantas de Portugal, rainhas em Espanha* (trad. Francisco Paiva Boléo). Lisboa: A Esfera dos Livros.

Coelho, M. H da C.; Ventura, L. (1986 e 1987). Vataça: uma dona na vida e na morte. *Revista da Faculdade de Letras – História*, 3ª série, III, pp. 159-193. Também in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. I, CHUP / INIC, 159-193.

Coelho, M. H da C.; Ventura, L. (1987). Os bens de Vataça. Visibilidade de uma existência. *Revista de História das Ideias*, vol. 9. Coimbr: FLUC, 33-77.

Freire, A. B. (1989). *Armaria Portuguesa* (ed. fac-sim. da sept.^a de 1925). Lisboa: Cota d'Armas Editores e Livreiros.

Gayo, M. J. da C. F. (1989). *Nobiliário das Famílias de Portugal [Século XIX]* (NFP), XII vols., Braga.

Lascaris de Vintimille Royal gateway (2009-11-10), In *Catherine Baillon Royal Connection Research Association web page* (by René Jetté, John P. DuLong, Roland-Yves Gagné, and Gail F. Moreau).

Machado, P. F. (1984). D. Vataça: Um Exílio, um Destino na Corte da Rainha Santa Isabel, *Munda* 8, 49-54.

Maclagan, M. (1975). A Byzantine Princess in Portugal. In *Studies in Memory of David Talbot Rice*, Edinburgh Publication, 284-293.

Masià de Ros, A. (1947-1948). La emperatriz de Nicea, Constanza, y las princesas Lascara y Vataza, *BRABL* 20, 145-169.

Matos, M. C. de (2009). Cultura e língua grega em Portugal e outras regiões da península entre os séculos XV e XVIII (seis momentos para a compreensão e estudo da sua dinâmica). *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, Ano XII, nº. 24, 243-300.

Rei, António

Uma Senhora Bizantina nas cortes de Aragão, Portugal e Leão e Castela:
Dona Vataça Lascaris (c. 1270-1336). Em torno às suas origens e descendência
www.revistarodadafortuna.com

Miret y Sans, J. (1903). La princesa griega Láscaris, condesa de Pallars en Cataluña. *Revue Hispanique*, 10, 455-470.

Miret y Sans, J. (1906). Tres princesas griegas en la corte de Jaime II de Aragon. *Revue Hispanique* 15, 668-720.

Miret y Sans, J. (1908). Nuevos documentos de las tres princesas griegas. *Revue Hispanique* 19, 111-134.

Moraes, C. A. de. (1943-1948). *Pedatura Lusitana [Século XVII] (PL)*, (*Nobiliário das Famílias de Portugal*), 6 tomos - 12 vols. Porto: Livraria Fernandes Machado.

Resende, A. de (2009). *As Antiquidades da Lusitânia* (introd., trad. e coment. Raul Miguel Rosado Fernandes), 2ª ed. Lisboa: FCG.

Sousa, D. A. C. de. (2007). *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Ed. facsím. ed. 1946, XV vols. Lisboa: QuidNovi / Academia Portuguesa da História.

Soszynski, H. (1998), H.Soszynski@uq.net.au > *Subject: Re: Laskaris-Ventimiglia (Vintimille) Date: 29 Apr 1998 16: 51:37-0700.*

Vilhena, M. da C. (2009). Vataça, a Comendadeira de Santiago do Cacém. *Actas do 1º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, 214-219.

Zúquete, A. (2000). *Armorial Lusitano*, 4ª ed. Lisboa: Edições Zairol.

Recebido: 23 de maio de 2013

Aprovado: 14 de julho de 2013